



## ENTREVISTA COM JOÃO CARLOS CASTANHA

*INTERVIEW WITH JOÃO CARLOS CASTANHA*

**DOUGLAS OSTRUCA<sup>1</sup>**

**SANCLER EBERT<sup>2</sup>**

1. Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). E-mail: douglas.ostruka@hotmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5848-4931>.

2. Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Cinema e Audiovisual (PPGCine) da Universidade Federal Fluminense (UFF). Professor do Centro Universitário FMU-FIAMFAAM. E-mail: sanclerebert@yahoo.com.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3620-3913>.

Com uma trajetória marcada por mais de 40 peças teatrais, João Carlos Castanha iniciou sua carreira como ator em 1978, ao ingressar no grupo de teatro *Ói Nós Aqui Traveiz* e atuar na peça *Divina Proporção e a Felicidade Não Esperneia, Patati Patatá* (1978). Como artista transformista, começou sua atuação em 1987, no show de auditório *Viva a Gorda*. Em 1994, fundou, junto com outros artistas transformistas gaúchos, a Companhia de Teatro Ridículo, responsável por espetáculos como *Escola de Sereias* (1994), *Crazy Dolls* (1995), *Bordel das Irmãs Metralha* (2006), *A Casa das 3 Irenes* (2007), *Rainhas da Noite* (2019) e *Corra, que as Palhaças Vêm Aí!* (2023). Em 2014, estreou o espetáculo *Até o Fim*, em comemoração aos seus 35 anos de carreira. Castanha também recebeu importantes reconhecimentos ao longo de seu percurso. Foi homenageado, em 2010, com o Prêmio Açorianos de Teatro por sua contribuição ao teatro gaúcho. Em 2014, conquistou o prêmio de Melhor Ator no 14º Festival Internacional de Cine Las Palmas de Gran Canaria, por sua atuação no filme *Castanha* (Davi Pretto, 2014), no qual interpreta a si mesmo. No 23º Festival Mix Brasil de Cultura da Diversidade, recebeu o Prêmio de Melhor Ator pelo papel no curta-metragem *Maria Helena - A mulher de todos* (Cristiano Sousa, 2015). Em 2016, ganhou o Prêmio Assembleia Legislativa de Melhor Ator no curta-metragem *Inatingível* (Rodolfo Castilho, 2016). A entrevista a seguir reúne trechos de duas conversas realizadas com o artista, a primeira de 25 de abril de 2022 e a segunda em 04 de maio de 2023.

**OSTRUC/EBERT** Como foi que você começou a fazer transformismo? Houve algum momento específico?

**CASTANHA** Em 1987, 1988. Resolveram fazer um show de auditório no Bar Ocidente, que era *Viva a Gorda*. Era um programa tipo *Chacrinha*, tinha um júri e por esse motivo os amigos, os atores, todo mundo fazia. Tu pegavas assim: “Então, vou fazer o cantor Fábio Júnior.” Por isso se vestia de Fábio Júnior e dublava a música. O júri era composto por pessoas conhecidas: Tânia Carvalho, que era apresentadora de TV e jornalista; sempre tinha um jogador de futebol; e o Tatata Pimentel estava sempre. Começou no Bar Ocidente, com 40 pessoas. Então saiu de lá porque fazia muito sucesso, foi para o Teatro Câmera, um teatro de 200 lugares. Depois foi para o Renascença, que tinha 300 lugares. E depois a gente foi para o Teatro Presidente, que não existe mais e tinha 3.800 lugares. Ficava lotado, lotado, lotado, com gente sentada no chão.

**OSTRUC/EBERT** O Lauro Ramalho<sup>3</sup> também estava envolvido?

**CASTANHA** Sim, todo mundo. Nisso aí era toda a classe teatral. Eram pessoas que faziam coisas completamente diferentes, e eu entrava aqui. Eu fazia uma doméstica. No outro final de semana eu fiz Clementina de Jesus

3. Lauro Ramalho é ator transformista, integrante da Companhia de Teatro Ridículo de Porto Alegre junto com João Carlos Castanha, Gloria Crystal, Everton Barreto e Zé Adão Barbosa. Essa Companhia surge em 1995, consolidando a presença das transformistas nos teatros da capital gaúcha. Para outras informações sobre a cena transformista de Porto Alegre e suas capitais ver a tese: SANTOS, Douglas Henrique Ostruca dos. *Micropolítica das montações: um estudo das comunicações transversais em fabulações transformistas*. 250 f. 2024. Tese de Doutorado em Comunicação, UFRGS, 2024. Disponível em: <https://x.gd/63FNz>. Acesso em: 06 de fevereiro de 2025.

cantando ao vivo. Então, foi um cara, Frei Rocha, que tinha sido padre. Ele era dono de uma boate chamada Arca de Noé. E teve um outro padre que era dono de uma casa de swing, o Sofazão. Ele era famosíssimo em Porto Alegre. Ele me convidou para ir lá, e eu fui, e depois não saí mais. Eu me lembro que o Lauro Ramalho, por exemplo, ia lá me assistir, mas ficava com vergonha. A boate era no fundo de um galpão. O dono, o Frei, pegava uma Kombi e ia lá para o Morro Santa Tereza pegar milico para levar para as bichas ficarem loucas. Os milicos iam porque estavam a fim, não era por causa de dinheiro, iam com vontade [risos]. Tinha um motel na frente. Eu vivia tanto naquele motel que fazia fiado. Tinha um caderno [risos]. Era uma época muito boa, muito divertida. Aí comecei a fazer show e não parei mais.

**OSTRUC/EBERT** Você falou que esse programa *Viva a Gorda* foi em torno de 1987. A peça *Escola de Sereias* foi mais ou menos no mesmo período?

**CASTANHA** Um pouco antes. Mas a gente fazia transformismo só no teatro, não fazia em boates.

**OSTRUC/EBERT** Então é a partir do *Viva a Gorda* que...

**CASTANHA** Que eu comecei a trabalhar como transformista. Daí começou o Everton Barreto,<sup>4</sup> que também trabalhava em boate, a Gloria Crystal.<sup>5</sup>

**OSTRUC/EBERT** Elas fizeram o inverso, da boate foram para o teatro?

**CASTANHA** É, trabalhavam em boate e foram para o teatro. Tinha uma maravilhosa, que já morreu, a Rebecca McDonald.<sup>6</sup> Ela era maravilhosa e também trabalhou no *Mulheres do Pau Brasil*.<sup>7</sup> Tu dizias para a bicha: “Ouve essa música.” Ela ouvia uma vez, aprendia a dublar perfeitamente. Fazia espacate, era bailarina, dançava. Participava de um grupo que era *Os Tangarás*, que era de patinação. Ela nunca tinha roupa para fazer os shows. Um dia, ela pegou cinco sacos de lixo preto, grandões e fez um vestido preto, parecia de vinil. Top, tudo saco de lixo. Não precisava de nada. Ela era branca, branca, branca, com cabelo bem preto. Passava um batom vermelho, e estava feita. Linda, linda, linda.

**OSTRUC/EBERT** Castanha, retomando o que estávamos falando. Foi nesse momento do *Viva a Gorda* que você começou a fazer transformismo em boate?

4. Everton Barreto é cabeleireiro e artista transformista há mais de 30 anos. Entre os espetáculos que marcaram sua carreira está *A casa de Lady Cibele*, um programa de audiotório no qual fez entrevistas com artistas da cena gaúcha. Em entrevista no *Grafia Drag* (2024), o artista fala do encontro com o teatro na adolescência, passando pela estreia como Lady Cibele nas boates até chegar aos palcos dos teatros de Porto Alegre. Ver: MALDITA, Luná. Uma conversa com Everton Barreto. *Grafia Drag*. Disponível em: <https://x.gd/ZJoAr>. Acesso em: 06 de fevereiro de 2025.

5. Além de atuar como transformista há mais de 38 anos, Gloria Crystal é funcionária pública e participa ativamente na política. Em 2023 assumiu o cargo de chefe da SJCDH (Divisão de Diversidade e de Combate à Intolerância da Secretaria de Justiça, Cidadania e Direitos Humanos). Em 2022, recebeu do Governo do Rio Grande do Sul a Medalha Simões Lopes Neto, como forma de reconhecimento pelas suas contribuições para a cultura e para a sociedade de modo mais amplo. Em entrevista no *Grafia Drag* (2023), a artista trata de questões relativas ao movimento LGBTQIAPN+ e a cena transformista. Disponível em: <https://x.gd/HYp7Y>. Acesso em: 06 de fevereiro de 2025.

6. Rebecca McDonald foi uma das primeiras transformistas a participar de um filme no Rio Grande do Sul, o curta-metragem *Au Revoir Shirley* (1991), dirigido por Gilberto Perin. Outras informações podem ser encontradas no artigo: BERNARDY, Bruno Arthur Voss. Fragmentos de Rebecca McDonald: memórias da arte drag e transformista da cidade de Porto Alegre (1980-2000). In: FAZENDO GÊNERO, 13., 2024, Florianópolis. Anais eletrônicos [...]. Florianópolis: UFSC. Disponível em: <https://x.gd/Y2o1C>. Acesso em: 06 de fevereiro de 2025.

7. Esse espetáculo marca o retorno das transformistas aos palcos Porto Alegrenses. As quais ficaram restritas às boates desde as transformistas que fizeram sucesso nos teatros gaúchos no início do século XX, como Darwin. Para outras informações sobre a trajetória de Darwin, ver: EBERT, Sancler. Uma ilusão de modernidade: A trajetória do transformista Darwin pelos cineteatros brasileiros no início do Século XX. Orientadora: Talitha Gomes Ferraz. Tese (Doutorado). UFF, Niterói, 2024. Disponível em <https://x.gd/MJFcV>. Acesso em: 21 de abril de 2025.

**CASTANHA** Isso. Daí fui para a Arca de Noé, que era essa boate que não existe mais. E dali não parei mais. Comecei a trabalhar no Discretos, que era uma boate lá na Itararé, que é uma rua na Assis Brasil perto do Shopping Wallig, que é agora... Fiquei lá por uns anos, depois eles fecharam o bar, que atualmente é o Cabaret Indiscretus. Depois trabalhei na Vanda, que era uma casa, um bar, uma boate que abria de terça a domingo. Eu trabalhava o dia inteiro. Saía de lá correndo e ia para outra. Tinha vezes em que eram cinco boates numa noite. E teatro também, né. Teve uma época em que eu parei um pouco de fazer teatro e fiquei só nas boates.

**OSTRUC/EBERT** Em relação às suas expressões transformistas, dentre as várias personagens que você constrói, tem a Maria Helena Castanha.

**CASTANHA** É. Ela tomou conta. Tanto que, quando eu faço show, às vezes, eu gosto de fazer homem, mulher, faço Halloween, faço personagem masculino, feminino. Mas, no Vitraux, por exemplo, quando vão me apresentar: “Com vocês, Maria Helena”, estou eu de bigode [risos]. Virou uma grife a Maria Helena Castanha. Tem dias que faço um homem, de quem Maria Helena Castanha é mulher. Tem a imagem dela. A Suzzy pede, às vezes, para que eu faça aqueles cantores de funk, o Nego do Borel, mas anunciam como Maria Helena Castanha. É engraçado. Já ficou o nome, ficou forte.

**OSTRUC/EBERT** E quando ela surgiu, em que contexto?

**CASTANHA** Eu não me lembro quando é que foi que começou o nome da Maria Helena. Antes, cada show era um nome diferente. Eu fazia uma doméstica que varria, que era a Maria Aparecida, e depois começou a vir... Eu não me lembro realmente quando começou essa função de Maria Helena. Eu me lembro que eu já a fazia num programa de auditório em uma boate que tinha aqui. A boate não abria aos domingos, então, era num salão, uma espécie de Cineteatro ali na Cristóvão, esquina com a Ramiro. Cineteatro Ipiranga, onde foi cinema há anos. Tem um palco imenso. Assim, no domingo a gente abria e colocava mesas, como se fosse um café-concerto, com abajur nas mesas, e o palco fazia uma casa, um apartamento, uma casa com dois ambientes, dois andares tinha a casa. Tinha o quarto, banheiro. Embaixo era a sala, a cozinha da Lady Cibele, que era *A Casa de Lady Cibele* o programa, que é o Everton Barreto. Era tipo o *Hebe Camargo*, o *Sai de Baixo*. Estava lá embaixo a Cibele entrevistando alguém famoso, uma jornalista, então entrava a amiga. Foi daí que surgiu a Maria Helena Castanha, no início dos anos 2000. A Maria Helena sempre ia lá visitar ela. A gente fofocava, tomava café e tinha a empregada doméstica que servia café para ela. Era muito engraçado e o público não era público LGBT, eram senhoras da redondeza, do

bairro, do entorno do Shopping da Cristóvão. Elas iam, a gente convidava as *véias*, convidava uma e vinham todas elas. Puxava o saco das *véias* porque, na época, a boate não tinha acústica direito, as *véias* ficavam loucas, porque a casa delas sacudia, né. “Vamos fazer alguma coisa para agradar as *véias*”. Elas vinham, davam batatinha para elas, chazinho. No meio do espetáculo, a Cibele: “Ai, vamos pedir uma pizza.” Aí ligavam, abria a porta da rua, entrava um motoqueiro, um motoboy com a pizza. Em seguida começava a tocar uma música eletrônica e ele fazia strip. As *véias* ficavam todas enlouquecidas. Era um stripper ali da Le Jardin, a Eróticos Video. Ele entrava de moto. Era muito legal. Foi daí que surgiu a Maria Helena, só não me lembro o ano. É 2000 e pouco, por aí.

**OSTRUC/EBERT** Castanha, sobre a Maria Helena Castanha, o curioso que essa personagem é a única que emprestou o seu sobrenome. Tem alguma coisa especial para ela ter esse diferencial?

**CASTANHA** O sobrenome é meu. Eu acho que identifica, né? Não sou eu, é um personagem meu. Porque, antes de mais nada, eu sou um ator. Sou um ator, não importa se é de teatro, de boate [...] Eu comecei em teatro lá na Terreira da Tribo, o Ói Nóis. Comecei em 1978. Na época, o Ói Nóis era uma coisa maldita, era uma coisa assim, a classe teatral... Hoje em dia eles são os queridinhos: “É vanguarda!” “Viajaram a Europa inteira.”, “Olha que maravilha!”. Mas, na época, falava em Ói Nóis, a classe batia com a porta na tua cara. Depois eu saí do Ói Nóis, fui trabalhar numa peça que a gente viajou o Brasil inteiro, foi *O Rango*, do Edgar Vasques. [...] A Maria Helena foi surgindo aos poucos e foi tomando conta. Foi ocasional, por causa da Casa da Lady Cibele, e chegou a um ponto que tomou conta. Tomou o lugar dela.

**OSTRUC/EBERT** Castanha, existe algum tipo de comunicação entre João Carlos Castanha e Maria Helena Castanha?

**CASTANHA** Eu acho que a Maria Helena tem muito a ver comigo. Acho que essa coisa de deboche, essa coisa de, por exemplo, brincar com as pessoas... Isso, eu acho que eu tenho muito a ver com a Maria Helena, que é uma coisa minha, [...] a personalidade dela é a minha, é a minha, ampliada. Eu acho que fica mais escrachado ainda.

**OSTRUC/EBERT** E isso é específico com ela? Com outros personagens é diferente?

**CASTANHA** É, hoje em dia, a Maria Helena tomou conta de tudo. Então, mesmo que eu faça masculino, persona masculino, é muito difícil [...]. Eu sou a Maria Helena, Maria Helena sou eu. As características são iguais, as coisas

que ela fala são as coisas que eu falo fora de estar de Maria Helena, o humor dela é o mesmo humor que eu uso. Montada, é a personagem, mas a personalidade é a mesma.

**OSTRUC/EBERT** Castanha, você pode falar sobre o seu processo de criação com transformismo? Como surgiram suas personas?

**CASTANHA** Eu acho que é importante para mim a informação. Vejo um filme e, de repente, eu gosto daquele personagem, aquele personagem é legal de fazer, de repente, no Halloween, uma coisa de filme de terror. Eu tenho horrores de filmes de terror, eu gosto de ver uns personagens diferentes, uma coisa que me inspire. Gosto muito de me inspirar no cinema. O cinema foi a minha primeira paixão. Quando era jovem, eu me lembro de pegar meu salário e ir direto para o cinema. Eu saía de um cinema e entrava no outro. Em um ano, eu vi 800 filmes em cinema! E depois, com a história do VHS, que era a fita de vídeo, eu me lembro que tinha uma locadora ali na Doutor Flores, era um edifício de cinco andares de locadora, era Videolar, o nome. Eu vi quase todos os filmes daquela locadora! E lá era assim, você pegava sete filmes na sexta-feira e devolvia só na outra semana... e na segunda-feira eu já estava lá de manhã cedo para devolver, já tinha visto. Eu e minha mãe adorávamos ver filmes. Se eu não tinha trabalho nós ficávamos o fim de semana direto assistindo a filmes, um atrás do outro. Eu vi tudo que você possa imaginar.

**OSTRUC/EBERT** E daí vem o seu processo de criação, para te dar inspiração?

**CASTANHA** Em geral, ele começa a nascer do visual dele, da imagem. Que nem nos Halloweens, eu imagino os personagens. Assim, do visual eu vou indo para o resto. E o show da Maria Helena, em geral, a Maria Helena não pode estar repetindo a roupa, tem que estar sempre com alguma coisa nova [risos], então, eu fico viajando, coisas de época, gosto muito. Mas a Maria Helena é o assunto da informação, do que ela vai falar, sobre o assunto que ela vai falar, eu já vou pensando.

**OSTRUC/EBERT** Em outras entrevistas você fala da sua inspiração na monstruosidade, no grotesco. Como isso funciona no seu processo de montagem?

**CASTANHA** Eu adoro Halloween, fico louco. Eu não sou de gastar em roupa, tenho pavor. Só gasto para o Vitraux porque tem aquela coisa, o palco, é bonito. [...] Roupa masculina eu tenho uma coisinha assim e, de mulher,

tem um roupeiro inteiro. Eu ganho muita coisa, bah, muita coisa. Ou, quando eu não tenho, às vezes, eu tenho uma amiga que tem um brechó, a Helena Pires, que loca roupas para filmes, eu pego, encho uma sacola e dou para ela. Às vezes, eu preciso de alguma coisa que eu não tenho e ela me empresta ou me dá de presente. No Vitraux, não, no Vitraux às vezes mando fazer. Agora eu tenho que fazer no Halloween, que eu sempre faço, todos os anos. [...] O Edward Mãos de Tesoura foi o primeiro, fiz a guria do Exorcista, foi horrível, as pessoas passaram mal. Eu adoro ver as pessoas assim. Eu dublava a Nina Hagen de camisola, a maquiagem igual à da guria, Linda Blair. Tomei uma garrafa de leite, de batida de abacate, botei anilina para ficar mais verde. Eu ia dublando e explodindo o vômito verde de verdade. Eu mandei fazer um crucifixo em forma de cruz de espelho. Então era tudo compasado com a música da Nina Hagen, com barulho de vidro quebrando e enfiando na buceta, que nem no filme, ela pegando o crucifixo e enfiando. Enfiava, e de repente o espelho caía, e em seguida começava “*wrauwrauwrau*”.

**OSTRUC/EBERT** Castanha, no seu processo de criação, esses personagens que você cria, eles te transformam enquanto pessoa?

**CASTANHA** Em geral, não digo os personagens de boate, que as coisas que eu falo em show assim, em geral, por mais absurdo que seja, têm a ver comigo. Mas em uma peça de teatro... Na época do meu filme, quando o Davi me procurou querendo dirigir o filme, eu estava escrevendo uma peça, me veio a ideia de fazer um cara que está em fase terminal no hospital, e ele fica esperando que alguém, a família dele, algum amigo, vá visitá-lo. No início, o nome era *Horário de Visita*. Ele sempre ficava esperando que alguém entrasse, mas ninguém nunca entrava, e ele, no hospital, morrendo. Só que daí tem uma enfermeira que é quem cuida dele, e os dois têm uma relação de gato e rato. Ele é uma bicha debochada. A bicha era eu, né, sou eu [risos]. A bicha dizendo horrores para a enfermeira. A enfermeira, coitada... mas eles vão criando um relacionamento, uma coisa assim mãe e filho, irmão e irmã. É bem bonito porque eles vão se apegando, se apegando, se apegando e ele começa a relembrar com a enfermeira, começa a se abrir e contar dos anos 1980, como eram as festas, as putarias. Tem umas putarias que eu contei, coisas que aconteceram comigo [risos]. O cenário é um quarto de hospital, com cortina e tudo. Abria a cortina e, de repente, tinha um microfone de *stand-up*, porque eu saía daquele cenário e ia lá contar coisas que me aconteciam, com o foco ali. Depois, eu saía dali e voltava para o meu cenário. E daí ele vai se apegando, e a enfermeira também. Vão se apegando, criando um elo. Quando está forte o negócio, ele morre. Ele morre porque está no fim mesmo. O nome da peça é *Até o Fim*. Ele foi. Eu adoro isso, adoro fazer em show as pessoas rirem, mas em teatro adoro fazer as pessoas chorarem. As pessoas saíam do teatro se debulhando em lágrimas. [...] Foi uma coisa que me tocou muito. Foi muito legal, eu contando, me abrindo para as pessoas...



**OSTRUC/EBERT** Já que a gente tocou no tema do filme *Castanha*, dirigido pelo Davi Pretto. É interessante a mistura de traços biográficos com o ficcional. Você ganhou um prêmio de melhor ator interpretando você mesmo. Como funcionou essa relação entre ator e personagem nesse filme? Você se sentiu interpretando você mesmo?

**CASTANHA** Não, eu não fiquei interpretando, era uma coisa normal. Eles iam lá para a casa e iam embora às 8h, 9h da noite, depois, no outro dia de manhã, eles estavam lá em casa de novo. Então, eles botavam a câmera de maneira que não interferisse. Não por mim, mas pela minha mãe, porque era eu e ela dentro de casa. Então, eles botavam a câmera e diziam: “Dona Celina” – que era a minha mãe – “Dona Celina, vai ali fazer..., senta com o João aí e conversem sobre seu marido, o seu Chico.” Daí a gente fazia, eu e minha mãe ficávamos: “taratarataratarara.” [...]. Teve uma coisa engraçada que a mãe... teve um dia ali, uma cena que tem no início, que é a mãe deitada, e aí eu chego, coloco o dedo para a ver se ela está respirando. Isso aí era verdade. Às vezes eu chegava de madrugada, como a mãe tinha problema pulmonar, que nem eu, eu chegava e botava o dedo para sentir a respiração dela. E depois, teve um dia que o Davi disse: “Dona Celina, deita ali e faça que está dormindo.”. Só que eles esqueceram e foram fazer outras coisas, e a mãe ficou deitada. Eles foram jantar – tinha um restaurante lá perto de casa – passou umas duas, três horas, e depois voltaram para fazer a cena: “Dona Celina, está dormindo?” “Claro que não, né, tu mandou eu ficar aqui deitada fazendo que estou dormindo” [risos]. [...] Então eu não sentia assim... Era eu mesmo. Ele me acompanhava nas boates, ia lá nas boates.

**OSTRUC/EBERT** O processo foi mais documental então, e a coisa ficcional surgiu na montagem.

**CASTANHA** Documental, porque as coisas que sucederam ali no filme fui eu que contei para o Davi [...].

**OSTRUC/EBERT** Castanha, para você, tem alguma diferença entre fazer drag e fazer transformismo?

**CASTANHA** Quando eu surgi, não tinha essa palavra “*drag*”. Para mim, é tudo a mesma coisa. Tem a diferença de ser trans e ser *drag*, né. Na minha época, iam com a sacolinha, a mochilinha nas costas, o vinil [risos], maquiavam lá no camarim, terminava, se lavavam e iam embora, a não ser se fosse travesti.

**OSTRUC/EBERT** E como você percebeu a cena *drag queen* chegando aqui em Porto Alegre, como é que foi?



**CASTANHA** Eu me lembro que a Gloria Crystal começou a dublar uma cantora chamada RuPaul, na época não tinha nem ideia de quem seria. E depois, bem na época, surgiu o *Priscilla, a Rainha do Deserto*, veio uma artista argentina para Porto Alegre, ela tinha uma roupa igual à do filme. Foi aí que eu comecei a ver essa história de drag, né. Eu me lembro que eu já tinha assistido ao filme *Hairspray*, com a Divine também. Para mim, essa palavra “*drag*” é só uma palavra, porque a RuPaul, para mim, era uma transformista também [...].

**OSTRUC/EBERT** Além da Gudiara, com quais outras artistas transformistas você trabalhou ao longo da sua carreira?

**CASTANHA** As que me marcaram mais foram as que me acompanharam na minha trajetória, que é a falecida Dandara Rangel,<sup>8</sup> o Lauro Ramalho e a Laurita Leão, que é a pessoa mais próxima de todas. A gente acabou formando um grupo, um núcleo.

**OSTRUC/EBERT** Como é o nome desse núcleo, desse grupo?

**CASTANHA** A gente acabou criando um grupo chamado Companhia de Teatro Ridículo. A gente fez várias peças, a *Escola de Sereias*, que eram só alusões a filmes famosos. Começava com Frankenstein.

**OSTRUC/EBERT** Sobre a Companhia de Teatro Ridículo, como surgiu essa companhia?

**CASTANHA** Na verdade, ela nasceu na casa do Zé Adão Barbosa,<sup>9</sup> que é o diretor com quem a gente sempre trabalha. Agora, em janeiro [...] tem o Porto Verão Alegre, daí a gente tinha a necessidade de fazer alguma coisa. Em geral, a gente nunca tinha dinheiro para viajar. Isso já começou muito antes, em 1984. Eu e o Renato Campão, me lembro que, em janeiro, a gente estava no bar Ocidente, e todo mundo ia viajar para a praia, alugava um carro. [...] Eu e o Renato, que é outro ator: “Vamos fazer alguma coisa pra ganhar dinheiro!”. Então ele disse: “Mas o quê?”. Ele pegou um livro de posições eróticas [...] era uma coisa meio brasileira. Então, abria a primeira página: toques e carícias [...] cada página era uma coisa, uma evolução, tinha penetração, sexo anal e suas variações, sexo oral e suas variações. [...] Daí a gente: “De cada página vamos fazer uma cena”. [...] E era o *Império dos Sentidos*, a gente adora botar nomes de filmes, às vezes não tem nada a ver com o filme. O *Império dos Sentidos* é um filme japonês de Nagisa Ōshima em que o casal fica transando o filme inteiro. No final, ela castra ele. E eu e o Renato: “Vamos fazer alguma coisa!”. Então, pegamos esse catálogo erótico [...]. Não tinha cena de sexo, era tudo uns absurdos.

8. Dandara Rangel foi uma figura proeminente na cena artística e LGBT de Porto Alegre. Ela era conhecida por suas imitações da cantora Alcione. Também integrou a Campanha de Teatro Ridículo até sua morte em 2015.

9. Zé Adão Barbosa é um renomado ator, diretor e professor de teatro. Fundador do Teatro Escola de Porto Alegre. Recebeu prêmios significativos, incluindo o Prêmio Aço-rianos três vezes como Melhor Ator.

[...] O pessoal se mijava de rir, era muito engraçado [...]. E no final, eu capava ele. Peguei um pintinho de borracha, cortava e usava de microfone aquilo. Dublava uma música japonesa. Olha, era filas e filas para ver aquilo [...]. E aí a gente começou com a função. Todo janeiro a gente fazia peças de teatro. A gente deixava janeiro para fazer as bobagens que davam dinheiro. [...] E disso a gente criou, eu, Lauro e o Zé Adão, criamos *Escola de Sereias*, que foi a primeira peça da Companhia de Teatro Ridículo, na qual cada cena era uma cena de um filme.

**OSTRUC/EBERT** Em que ano foi?

**CASTANHA** 1985, foi o maior sucesso no verão. Cada cena era uma cena de um filme. Então, tinha *Tubarão*. Passávamos só a barbatana de um tubarão de isopor pra lá e pra cá e a mulher numa boia, a música “pam pam pam pam”. Ele parava na frente dela e dava um banho de ketchup na mulher. A mulher: “Ahhhhh!”. Era pura bobagem [risos].

**OSTRUC/EBERT** Então foi com essa peça que...

**CASTANHA** Que começou a Companhia de Teatro Ridículo. Era eu, o Zé Adão, o Lauro Ramalho e o Caio Prates. Tinha a cena do Frankenstein, da Baby Jane. Foi daí que nasceu a ideia de a gente montar a Baby Jane anos depois, quando a gente montou a peça inteira [...].

**OSTRUC/EBERT** E sobre as *Mulheres do Pau Brasil*?

**CASTANHA** *Mulheres do Pau Brasil* foi a primeira vez que teve travestis e transformistas em palco.

**OSTRUC/EBERT** Isso foi antes de 1985?

**CASTANHA** Muito antes. O dono de uma boate onde eu trabalhei, que era o Insdiscetus, Cabaré Indiscetus, ele é carioca. Então, no Rio de Janeiro, tinha aqueles teatros de revista, né? Ele sugeriu para o Zé Adão Barbosa montar um espetáculo de teatro revista em Porto Alegre. Tinha o Everton Barreto, a Gloria Crystal, várias que já faleceram. Foi bem formato de teatro de revista, com escadaria, gelo seco, um fumaceiro [risos]. E foi o maior sucesso. Só que a classe teatral, [...] os tradicionais atores protestaram, dizendo que era um absurdo, que teatro era sagrado, aquela besteira de sempre [...].

**OSTRUC/EBERT** Castanha, você já teve outras profissões em paralelo à de ator?

**CASTANHA** Quando eu comecei como ator eu era auxiliar de escritório. Daí eu fui mais um ano trabalhando como auxiliar de escritório, com 16 anos entrei para o grupo de teatro Ói Nós, e acabei largando.

**OSTRUC/EBERT** Depois de entrar no Ói Nós você sempre trabalhou com teatro?

**CASTANHA** A partir disso eu comecei com essa história de show, né.

**OSTRUC/EBERT** Em relação ao espaço que tem o transformismo em Porto Alegre, quais eram os lugares que mais davam abertura para os números de transformistas?

**CASTANHA** Eu acho que o principal de todos é o Vitraux que continua até hoje. Antes de ser o Vitraux, ali foi Number One, o nome. [...] Na época tinha show, mas eu não me lembro porque eu não cheguei a assistir. O *L'Entourage*, que era uma casa na Comendador Coruja, foi a primeira boate gay que eu entrei. Foi 1986, por aí. Eu fui entrar com 25 anos. [...] Lá tinha show sexta e sábado, shows montados, aquelas coisas cafonas. Aqueles shows, assim, “*Uma noite em Hollywood*”, “*Uma noite na Riviera Francesa*”, essas coisas eu acho... é legal, mas eu já vi tanto, as pessoas não se renovam, é isso que eu digo.

**OSTRUC/EBERT** Você pensa nas diferenças de público quando vai preparar o seu número?

**CASTANHA** Sim. No bingo, não vou fazer uma música moderninha, fazer uma de cabelo ali, umas *véia* de 60, 70 anos. [...] Eu não vou fazer no Mixx João Gilberto tocando violão, bossa nova. Tem que fazer uma coisa de acordo com eles, então eu vou lá, faço Tânia Alves cantando bolero, elas ficam enlouquecidas. Na Le Jardin já dá para fazer, eu faço o que eu bem entendo [risos]. Domingo agora, semana que vem, eu vou fazer a música do [filme] *De Salto Alto!*, *Um Ano de Amor*, aquela.

#### DISPONIBILIDADE DE DADOS

Os autores confirmam que os dados que apoiam os resultados deste estudo estão disponíveis no artigo.

#### CONFLITO DE INTERESSE

Os autores declaram que não há conflito de interesse.

#### EDITOR(A)(ES) RESPONSÁVEL(IS)

Marina Cavalcanti Tedesco

#### ASSISTENTE EDITORIAL

Vanessa Maria Rodrigues

#### DADOS EDITORIAIS

Publicado a convite da revista.



Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença **Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CCBY)**.

Os autores retêm todos os direitos autorais, transferindo para a Revista *A Barca* o direito de realizar a publicação original e mantê-la sempre atualizada.